Julio Dantas

ADA

2.ª edição, augmentada

Prefacio de

Lopes de Mendonça

1912

—

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Livraria editora

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

NADA

Julio Dantas

JULIO DANTAS

NADA

PREFACIO DE:

H. LOPES DE MENDONÇA

2.ª EDIÇÃO

1912

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

O liuro ha de ser o que vay escrito nelle. Das tristezas nam se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem ellas.

(Liuro primeyro das *Saudades* —pag. 6).

Foi para mim proprio uma surpresa a reedição d'este livro. Publicado pela primeira vez ha deseseis annos, julgava-o definitivamente condemnado ao esquecimento que merece. Obra da mocidade, com os grandes defeitos e as pequenas qualidades de quasi todos os primeiros livros, teve, é certo, por occasião do seu apparecimento, as attenções da critica, mas teve-as, julgo eu, apenas como documento, como expressão de uma tendencia, n'esse curioso periodo em que a moderna poesia portugueza procurava fórmas novas, rythmos novos, novas orchestrações verbaes e um diverso sentido lirico á emoção. Hoje, o seu valor quasi exclusivamente documental dava ao pobre livro o direito de dormir tranquillo n'algumas estantes mais carinhosas,

junto dos poetas que no ultimo quartel do século XIX, com mais ou menos felicidade e mais ou menos talento, tentaram animar de um novo sopro de vida as velhas fórmas poeticas tradicionaes. Ao fim de deseseis longos annos, já eu mesmo me tinha esquecido d'esse volume de versos, tão desviado hoje da minha orientação, dos meus processos e das minhas tendencias. Foi, portanto, com viva surpresa, que recebi a proposta extremamente amavel da Parceria Antonio Maria Pereira para uma segunda edição, e só depois de naturaes hesitações e de justificadas duvidas me resolvi a eliminar alguns trechos menos acceitaveis, a accrescentar outros da mesma epoca, ainda inéditos, e a auctorisar, finalmente, a reimpressão da obra. Apesar de melhorado, está longe, muito longe ainda, de ser um bom livro; mas é, creio eu, a despeito dos seus excessos, dos seus exaggeros, da genealogia confusa das influencias que o produziram, do seu neo-quinhentismo um pouco estreito, da monotonia das suas fórmas melodicas, das insistencias no vocabulo obsoleto e das preoccupações objectívas do seu pessimismo, — um livro caracteristico, talvez interessante, e, sobre tudo, rasgado, claro e sincé-

ro, até nos proprios defeitos. Na phrase feliz de Nitzsche—«não turvei a minha agua para dar a falsa impressão de que ella era profunda».

Julio Dantas.

Meu prezado amigo e collega:

Nunca reconheci a importancia dos prefacios. Impotentes para emprestar valor a um livro que o não tem, inuteis quando a obra se impõe pelo merito proprio ao respeito dos leitores. Ou o livro mata o prefacio, ou o prefacio mata o livro. Demais, detesto os ares de pedagogo, mal disfarçados sob umas apparencias benevolas de admiração modesta, que são o caracteristico do prefaciador. Custou-me, pois, devéras a acceder ás instancias penhorantes do meu amigo, e só o fiz pela consideração de que o prefacio ao presente livro se

resumiria n'uma saudação enthusiastica ao poeta, que de golpe se affirma como um poderoso talento, exuberante de seiva, reflectido e severo, sabendo engalanar dos mais opulentos atavios da poesia a austeridade precoce do seu pensamento.

Isto simplificava singularmente a minha tarefa. Nos meandros da critica me perderia eu, se acaso por elles tentasse internar-me. Cada qual para o que nasceu. Por mim, sinto uma extrema difficuldade em dar uma fórma tangivel e nitida ás minhas impressões de leitura, quanto mais em me alistar no indisciplinado exercito dos criticos: prefiro fornecer alimento ás suas objurgatorias. Será porventura mais facil — elles o dirão — mas é sobre tudo mais evangelico.

A leitura dos seus versos proporcionou-me um bello prazer espiritual. E apraz-me tanto não o attenuar com agri-doces objecções de escolastica, antiga ou moderna! E é tanto mais apreciavel esse gozo, quanto não me é dado — ai de mim! — experimental-o perante um grande numero de manifestações da poesia contemporanea. Não pertenço ao numero de iniciados capazes de entrever nas nebulosidades da musica metrica a legião de symbolos

que a povôam: chego, por desgraça, a não attingir a eurythmia dos versos manquejantes, ou a harmonia extravagante das pallidas assonancias. É possivel que isto se deva attribuir a deficiencias do meu temperamento artistico — se é que os modernos Caraibas das lettras não m'o contestam tambem, em absoluto. N'esse caso, meu pobre Julio Dantas, prejudical-o-ha a admiração sincera que lhe consagro. O que sobre tudo me encanta na sua obra é o emprego meticuloso das fórmas tradicionaes, para traduzir os sentimentos de hoje. É-me profundamente sympathico esse culto piedoso da velha Musa, cujas roupagens hieraticas poderão porventura ser alindadas pelas joias de algum novo e opulento escrinio, mas nunca rasgadas para darem logar a não sei que farrapagem de Arlequim, remendada de ouropeis e de brocadilhos puidos. Ora eu receio que, no momento actual, este motivo de sympathia seja contraproducente na apreciação dos seus bellos versos.

No momento actual, disse eu, porque confio plenamente na justiça do futuro. Creio que a geração moderna, um instante desnorteada pelas brumas do symbolismo barbaro, vae obedecendo a uma corrente de reacção salu-

tar. Reconhece que a dynamite, explodindo nas lettras, não dá, afinal, resultados mais praticos do que a tristemente famosa doutrina libertaria da propaganda pelo facto. Ha ainda quem sustente que a remodelação social póde ser conseguida pelo esforço violento da revolução; ninguem de bom senso acceitará theoria analoga applicada aos dominios da Arte. A inspiração póde realmente trazer comsigo uns caracteres de novidade que nos assombrem. Quanto á evolução da fórma, essa só póde operar-se por transições lentas, por cambiantes insensiveis.

O seu livro, meu caro Julio Dantas, constitue um brilhantissimo symptoma d'essa renovação systematica da poesia portugueza, que é, a bem dizer, um resurgimento. A musa que lhe segreda os seus bellos versos lembra os contornos divinaes da musa elegiaca de Camões, pertence sem duvida á pleiade refulgente das que alentaram o estro vivido dos nossos quinhentistas. Mas, por uma extranha metempsychose, o espirito que a anima é essencialmente moderno, combalido um pouco da nevrose peculiar d'este fim de seculo, comprazendo-se nas subtilezas de uma analyse dolorosa, requintado nos perfumes de exoti-

cas caçoilas, encandeado na visão de maravilhas exquisitas e na evocação de torturas quasi macabras. A sua poesia não tem, por isso, nem o convencionalismo anachronico de um «pastiche», nem a frieza morbida do chamado parnasianismo. Com ser sevéra, é sentida; sob o puro marmore que o artista cinzela, sente-se o calor do sangue. As pompas, ás vezes um pouco abusivas, da linguagem, não escondem os arrepios da carne, revoltada sob o açoute da Dôr. Dôr que deriva, porventura, mais de uma auto-suggestão do que de uma preoccupação objectiva.

Nem é de espantar que a serpe do pessimismo preponderante mordesse fundamente um coração, naturalmente inclinado á tristeza, como o seu. Filho de poeta sonhador, exacerbaram-se, refinaram-se no seu espirito os germens hereditarios da sensibilidade morbida. As condições mesologicas tendem a favorecer fatalmente a evolução d'esses germens. Será isso um bem? Será isso um mal? Não serei eu que tente resolvel-o, indeciso como me sinto, apezar de tudo, entre as diversas correntes que ameaçam arrastar o bergantim auri-ceruleo da Poesia.

Parece-me ás vezes que nós todos, neo-

romanticos, neo-classicos, parnasianos, symbolistas, instrumentistas, mysticos, byzantinistas, «tutti quanti», não estamos senão a encher tempo, á espera de que uma aura fagueira enfune as velas do ideal baixel, ou que uma energia sobrenatural se infunda nos pulsos, hoje debilitados, da temeraria chusma. Mas sinto-me firme na crença de que habeis pilotos surgirão, que evitem os remoinhos voraginosos de algum Maelstrom, ou os ponteagudos recifes onde o casco deslumbrante se despedace. Embora nós outros, os que nos aproximamos da curva decrescente da vida, tenhamos bem fundados receios de ser lançados pela borda fóra, victimas fataes da lucta pela existencia, o baixel ha de singrar no meio dos escarcéus do utilitarismo burguez, em busca das plagas encantadas, das «îles d'or» de que nos falla Richepin.

O meu amigo será dos que hão de colher o ramo mystico n'essa desconhecida Atlantida. Tem larga vida deante de si, e possue o mais autorisado dos passaportes para a aventurosa viagem: o talento.

Veja lá como a gente, sem quasi dar por isso, renega de protestos prudentemente formulados. A torrente epistolar transbordou,

mau grado meu, do alveo que lhe havia prefixado. Deveria reduzir-me a saudal-o, como ha tempos fiz, dando os parabens a Portugal por possuir mais um verdadeiro e já notavel poeta. Em vez d'isso, divaguei, divaguei... e Deus sabe onde chegaria, se não me accudisse a tempo a apprehensão de que estou demorando um requintado gozo aos raros leitores que ainda lêem prefacios.

Como a nuncia do Messias, devêra surgir sobre o berço de cada predestinado poeta um astro brilhante que o apontasse ao mundo indifferente. A sua estrella, meu caro Dantas, afigura-se-me que teria scintillações multicôres, onde predominaria porventura o brilho um tanto funéreo da amethysta. E eu faria votos para que, na sua jornada pelos espaços, o atrito das ondas ethereas lhe desse rutilação mais quente e vibrante: a do rubi, crystallisação do sangue immaculado; a da esmeralda, gota do Oceano purificada nas entranhas maternaes da Terra.

Mas assim mesmo como te vejo, estrella! sigo-te encantado e ancioso. Sobre as nuvens diaphanas que ao de leve te encobrem, circumflue um halo fulgurante e irizado. Como serás deslumbrante, ó estrella prophetica,

quando, despida dos veus importunos, marcares no ceu azul o logar de honra que te cabe n'uma constellação nascente!

Abraça-o cheio de fé o seu

Amigo sincero,

Lisboa, 28-3-96

Henrique Lopes de Mendonça.

NADA

Nada

Luz dos meus olhos, quando se esbrugarem
Estes ossos na terra, por desgraça,
Has de ir vêr por que estado a gente passa,
Se os teus nervos doentes te deixarem.

Não darás tempo aos olhos de chorarem,
Que o meu craneo de ti só quer a graça
De n'ess'ora de triste fim de raça
Teus dedos d'ouro n'elle repousarem:

Dentro d'essa caveira descarnada,
Por teus olhos verás, em cinza escura,
A vida do meu cérebro tornada:

Terá vivido ahi minha amargura;
Lê-me depois, e vê, que pó, que nada,
Toda esta dôr, toda esta desventura!

TERCETOS

A Bulhão Pato

RUSTICA

Debaixo d'uma arvore

Arvores que entouçaes o tronco tosco,
Soltae folhas, fazei-me a cama d'ouro,
Que um desgraçado vem chorar comvosco.

Emquanto eu aqui seja, vos agouro,
Tereis agua de lagrimas bastante,
Porque sobram motivos de meu choro.

O pensamento dóe-me a cada instante:
Nem consolos me abrandam, que ao enfermo
Todo o conforto lhe é mortificante.

Trago commigo um mal que não vê termo;
Comvosco desabafo o meu desgosto,
Porque o mundo não sabe comprehender-m'o.

Tudo o que tenho na lembrança posto,
Mal me lembro, desfaz-se, freixo rude,
E em lagrimas me escorre pelo rosto.

Mas como foi que eu escolher-vos pude
Para contar-vos intimas molestias,
A vós, cheias de seiva e de saude?

As vossas grenhas verdes, o sol veste-as;
E na sombra do chão, áspero e duro,
Treme uma renda de douradas resteas.

O musgo sobe ao tronco bem seguro;
Trucilam tordos, palram estorninhos
Em cada ramo musculoso e escuro.

Antes eu conte ás pedras dos caminhos
Meu desgosto: são pallidas como eu;
As lastimas espantam vossos ninhos.

Como do ninho o tordo não vê céu,
De ouvir contar angustias tão escuras,
Não vá elle cuidar que anoiteceu...

O melhor confidente d'amarguras
É o que nada diz e tudo escuta,
Vidrado o olhar por nossas desventuras:

E tu quasi assim és, arvore bruta!
Meu coração, o mundo contrafez-m'o;
É elle que a si falla e a si se escuta:

Quando te fallo a ti, fallo a mim mesmo.

Ao desamparo

Gorriões nos buracos, entrévados,
Calhandras que sonhaes sobre as parreiras,
Tende piedade, vós, de meus cuidados!

Vou ferido da angustia nas tojeiras:
Chorae de minha magua, ó pedras duras,
Ó pedras que me olhaes como caveiras!

Perdoae-me calcar-vos, semeaduras:
Ah, se assim como fujo aos cardos rôxos,
Fugisse na existencia ás amarguras!

Velhinhos, maridados pintarrôxos,
Se um dia as bodas d'ouro festejardes
Em vossos ninhos candidos e frouxos,

E fordes recordando as ruivas tardes
Defunctas, repetí ao sol e ao vento
As minhas pobres lastimas covardes!

Nem já para morrer me sobra alento!
Ah, quem me estrangulasse estas lembranças!
Ah, quem me mascarasse o pensamento!

No que que ha de vir, é mau ter seguranças;
Quando não temos muito que esperar,
Débeis arrimos são as esperanças.

Fico ás vezes inerte, a lastimar
Em dias que se passam sem proveito,
Os dias que eu não soube aproveitar.

Se uma desgraça vem pungir-me o peito,
Não procuro sarar-me ; dôa embora,
Quero chorar, só a chorar me ageito :

Mal empregado o tempo em que se chora !

NA RECAMARA

Egoismo

O forcarete de brocado antigo
Cae á volta do estrado em que me assento :
Recolhi-me, afinal, a sós commigo.

Mergulhado em meu ser, n'este momento,
A mim mesmo reduzo o mundo inteiro
E está cheio de mim meu pensamento.

Já que ao meu pobre espirito solteiro
Não traz ninguem a sombra de um conforto,
Serei meu proprio amigo e companheiro.

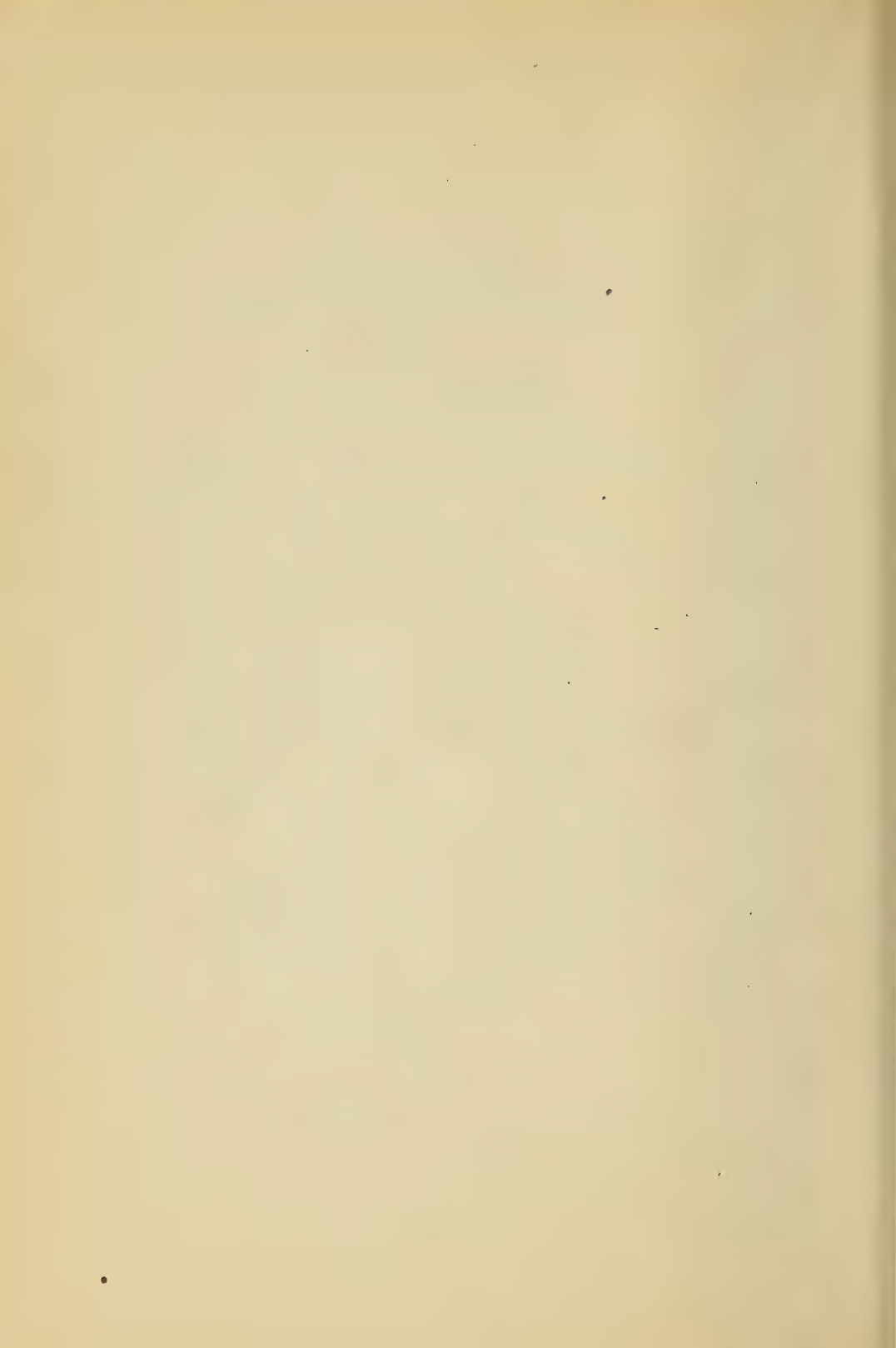
Vivo no meu desgosto, e n'elle absorto,
Esqueço-me d'alheias desventuras
Para cuidar das que me trazem morto.

Por esse mundo fóra, nas escuras
Alcôvas de greziscos lionados,
Em leitos d'ouro, quantas amarguras!

Gente a morrer... No estupro, violados,
Corpos de virgem, loiros, melindrosos,
Desmaiam entre holandas e brocados...

Corre o veneno; ha gritos angustiosos..
E eu, mergulhado em mim, no meu pesar,
Estranho á alheia dôr, a alheios gosos,

Por noite larga, fico-me a olhar
Pela orbita de pedra das janellas
A pallidez argentea do luar

E o delirium tremens das estrellas...

Dôr

Noite negra ; céu negro ; escuro o ar :
Nem beiço que me adoce a bocca amarga !
Nem braço que me venha acarinhar !

De dia, o sol minha tristeza embarga ;
Mas cresce com a noite e o isolamento,
Que toda a dôr, em vendo escuro, alarga !

Por causa d'uma culpa, este tormento !
Quando, afinal, a culpa condemnada,
Como tudo no mundo, pára em vento !

N'estes momentos d'alma depravada,
Afastamos de nós quem é honesto
E só quem é infame nos agrada :

Estranha angustia ! espirito molesto !
Quando mais eu preciso d'um amigo,
Mais o aparto de mim, mais o detesto.

A propria dôr, devoro-a ; não a digo
A outra alma, da minha differente ;
Conto-a ao vento e ao sol : guardo-a commigo.

Ninguem entende esta minha alma doente ;
Só avalia as proprias amarguras
O desgraçado espirito que as sente.

Não são apenas nossas desventuras ;
É a fórma tambem de as colhermos
Que nos traz as mais intimas torturas.

Coisas que aos outros, d'alma pouco enfermos,
Não trazem nem desgostos nem cuidados,
A mim, que enfermo sou, podem trazer-m'os.

Os males vêm a nós, esmadrigados:
— Pelas lagrimas, não pelas desgraças,
Podemos conhecer os desgraçados.

Dizei-o vós, ó pallidas mordaças
Dos meus soluços, roupas do meu leito;
Dize-o tu, sombra amiga que me abraças

E vens chorar sobre o meu catre estreito, —
Se ha mais amargo fel que o que hei bebido,
Horror maior que a noite do meu peito

E maior dôr, que a dôr de ter nascido!

Desespero

Sobre a velha brochása em téla d'ouro,
Que do respaldo aos pés me cobre o leito,
Dorme commigo o espectro do meu chôro.

Vejo tudo ás escuras no meu peito:
Silencio e cinza o proprio pensamento,
E encontro-me entrevado e imperfeito.

Se no craneo de Deus tem fundamento
A vida que eu arrasto, mal vivida,
E este meu malfadado nascimento;

Se formou do seu bafo a minha vida,
E se estes nervos por meu mal ha feito,
— Olha em ti mesma, ó alma espavorida,

Como, ao crear-te, Deus foi imperfeito!

VILLANCETES

A Henrique Lopes de Mendonça.

I

Villancete

Lastimaes não ser eu vosso;
Mas olhae que graça tinha
Ser vosso, se não sois minha?

Volta

Ou minha sois ou não sois,
Senhora, que me mataes;
Algum de nós é de mais
Ou somos demais os dois:
Se heis de ser minha depois,
Dizei-me que mal vos vinha
De virdès já a ser minha?

II

Villancete

Foi dia de grande sol
Esse dia de veutura;
Mas foi sol de pouca dura.

Voltas

Começo agora de vêr
Com a certeza mais dura,
Que se foi feita a ventura
Foi para a gente a perder:
Ventura, quem a tiver
Não a póde ter segura,
Porque é sol de pouca dura.

É tão ligeira e mentida,
Tão passageira, ou não sei,
Que, mal a tive, julguei
Que já a tinha perdida:
Um dia só n'esta vida
Eu soube o que era ventura;
Mas foi sol de pouca dura.

Este medo de a perder
É tão duro sentimento,
Que tel-a a gente um momento
É o mesmo que a não ter:
De que nos serve viver,
Se a ventura mal segura
É um sol de pouca dura?

III

Villancete

Como quereis que me ria,
Corpo d'ouro, se vos digo
Que trago a morte commigo?

Voltas

Vir um dia a apodrecer,
Se é destino de quem vive,
Outro destino não tive
Desde a hora de nascer:
Como não hei de soffrer,
Corpo d'ouro, se vos digo
Que trago a morte commigo?

Na dôr de todo o momento
Meus dias tristes se vão,
E só tenho a podridão
Em paga do soffrimento:
Sombra de contentamento,
Como a terei, se vos digo
Que trago a morte commigo!

IV

Villancete

Senhora dos olhos pardos,
Aonde fostes, senhora,
Que vos busco a toda a hora?

Voltas

Ou ando d'olhos cançados
Ou sois vós que me cançaes,
Que não vejo onde poisaes
Os vossos chapins doirados.
Mal dos que são namorados,
E mal de mim, que n'esta hora
Vos vou buscando, senhora!

Sonho sois ou fingimento
Da triste cabeça humana,
Que nada na terra irmana
O que nasce em pensamento.
Sonho da aza do vento,
Ficae-vos por lá embora,
Que eu vou comvosco, senhora!

A vida tão mal vivida,
A tamanhas maguas vim,
Que morrestes para mim
E nunca fostes nascida.
Morta que não teve vida,
Foi minha vida, em má hora,
Morta comvosco, senhora!

V

Villancete

Fui outro do que ora sou,
Que outros cuidados tivera :
Outro sou, não sou quem era.

Voltas

Hontem viveu em meu peito
Outra alma que hoje não vive ;
Dos pensamentos que tive
Não ando já satisfeito :
A um corpo lindo era afeito
A que hoje mal me afizera :
Outro sou ; não sou quem era.

O que outro tempo foi bem
Para a minha alma entrevada,
É hoje angustia ensombrada
D'onde todo o mal me vem.
Nem sei se meus são tambem
Pensamentos que tivera:
Outro sou; não sou quem era.

Hoje, a minha alma não chora
Do mal por que hontem chorei;
E quantos passos eu dei
Que já não daria agora!
Males que fiz em má hora,
Já n'est'ora os não fizera:
Outro sou; não sou quem era.

Culpas do tempo passado
Já são passadas e promptas;
Não venham pedir-me contas
Que já não sou o culpado.
Quando não, tendo um peccado,
As penas outro soffrera,
Que outro sou, não sou quem era.

VI

Villancete

Arroteae vossas terras
Até vos morrer o dia;
Quem ara e cria, ouro fia.

Voltas

Esses cuidosos amanhos
Do lavêgo, ao sol doirado,
São a noite de noivado
Dos pobres campos gatenhos;
Virgens terrenos tamanhos,
Arae-os, que em cada dia
Quem ara e cria, ouro fia.

Beijae, ao fim das canceiras
De vossas rudes lavouras,
Aquellas cabeças louras
Que são vossas companheiras:
Que ha de mal nas soalheiras,
Se é certo que ao fim do dia
Quem ara e cria, ouro fia?

Mal tendes tempo de tel-as,
Ó aradores trigueiros;
Tendes de dia os apeiros
E de noite os peitos d'ellas:
Sois casados com estrellas;
Arae a terra á porfia,
Quem ara e cria, ouro fia!

VII

Villancete

Deixae o toqueixo d'ouro
E ponde negro brial,
Que me morro, por meu mal.

Voltas

Deixae essa vestidura
Que tendes, de seda jalda,
Toda enrocada na espalda
Em ouro de brosladura :
Trocae-a por côr escura,
Porque guardeis no brial
A côr que tem o meu mal.

De negro arrayae n'est'ora
Os débeis encantos vossos,
Que a vaidade dos meus ossos
Isso vos pede, senhora :
Sêde alegre muito embora,
Mas ponde o negro brial,
Que me morro, por meu mal.

Bizalho de téla rica
Abrí aos pobres, por mim ;
Vesti-vos de rude arbim
Que todo o dó purifica :
Mas vêde como vos fica,
Que me não morro, afinal,
Se o negro vos ficar mal.

VIII

Villancete

Põe-se a palha ao pé do fogo:
Dá-lhe o vento, a palha arde,
Quer-se acudir e é já tarde.

Voltas

O que tivér filha moça
E que fôr bem assombrada,
Emquanto a não vir casada
Traga-a d'olho quanto possa:
É o diabo a gente moça,
E por melhor que se guarde
Ha sempre medo de ir tarde.

Vem o tempo casadouro,
Dá-lhes não sei que máu vento
E variam n'um momento
Aquellas cabeças d'ouro ;
Arde a palha, assoma o choro,
Mas as lagrimas vêm tarde
Que a palha já toda arde.

Não ouçam choro nem rogo
E tirem, para bens nossos,
As moças do pé dos moços
E a palha do pé do fogo :
Porque o fogo dá-lhe fogo,
E á moça que se não guarde
Todo o cuidado vem tarde.

PALAVRAS AO VENTO

Ao dr. Francisco Barahona

Rustica

Que queres tu de mim, rude mulher robusta,
Com o teu corpo em flôr e o teu sangue vermelho?
A tua mocidade é um vinho que me assusta!
Eu vivo quasi pobre e nasci quasi velho!

É amor que me tens? Mal de ti, se o sentiste!
Fazes mal se te dás e peor se te vendes.
Só te posso pagar com a minha alma triste,
E essa mesma, mulher, tu não a comprehendes!

Depois, tu sabes lá, ó minha flôr mortal,
N'essas chamas d'amor que os nervos te consomem,
De que perversidade é feito este animal
Que se supõe um deus e que se chama um homem!

Sabes lá quem eu sou! O que o meu fim de raça
Faria do teu corpo, ó minha flôr bravia!
E já morta a belleza, e já perdida a graça,
Com que facilidade eu te aborreceria!

Como um fumista novo e que sem vicio fume,
Muda constantemente a marca do tabaco,
Não póde aturar sempre o meu espirito fraco
Nem a mesma mulher, nem o mesmo perfume.

Deixa-me; é santo o amor entre os da tua igualha.
Não roces na minha alma a tua, toma conta:
Nada mais puro vi que o linho da mortalha,
E mal roça o defuncto é um nojo, ponta a ponta.

Nos campos ha ainda o rustico amor velho
E simples como o leite amugido d'um ubere:
A mão d'um arador, callosa do rabelho,
Convinha á tua mão de rapariga pubere!

A Felicidade

Como um compasso d'oiro, a individualidade
Traça em volta de nós, ó virgem ruiva e zarca!
Mais largo ou menos largo, um circulo que marca
Quanto nos pode ser ampla a felicidade.

Eu ouço na minha alma uma intima voz
Que me fala e dirige e segreda e murmura:
O nosso proprio mal está dentro de nós;
Vive dentro de nós a nossa desventura.

Quando a alma se nos fórma, em nós ha não sei quê
Que d'um oleo de dôr nos unge ou nos não unge:
Quanta gente que ri quando uma angustia punge!
Quanta gente que chora e sem saber porquê!

Um bem que para uns quasi que não existe,
Vae n'outros a florir em alegrias d'ouro :
Pode um homem nascer alegre ou nascer triste,
Como nasce trigueiro ou como nasce louro.

Ha desgraçados, filha, a quem o isolamento
De tal fórma exagera a angustia, que de bruços
Sobre o leito sósinho abafam os soluços,
Sem ter para chorar sombra de fundamento.

Eu, minha filha, sou um d'esses desgraçados:
Victima de mim mesmo, intimamente, tenho
Maguas não sei de quê, não sei bem que cuidados,
E um mal que estudo em mim como se fosse estranho.

Invalido que ampára os passos d'outro invalido,
Tu soffres por que eu soffro e dás-me alento a custo;
Repousa no meu busto o ambar do teu busto:
De ser pallido o meu, o teu já anda pallido.

Nunca me queres só. Teimas em dar consolo
A este mal sem causa e, portanto, sem termo;
Minha alma em tua mão é um passarito enfermo:
Tinha frio e puzeste-o a agazalhar no collo.

Mas é inutil, amor. Desde que sinto e vivo,
Traz-me para a desgraça uma invisivel mão. . .
Que infinita tortura é soffrer sem motivo!
Que doloroso horror é chorar sem rasão!

Filhos

A Armando da Silva.

Vaes ser mãe: oiço ainda o teu gemido extremo,
Breve como um clarão, rouco como um estertor;
Atravessas, uivando, o momento supremo
Em que se cria a vida e em que se géra a dôr.

Vaes ser mãe: vae nascer de ti um desgraçado,
Sombra d'um beijo negro, em rosa e ouro feita;
Um craneo que has de vêr, mais tarde, estilhaçado
Na pedra da desgraça, aguda e imperfeita.

Dar vida a um filho, pensa, é dar-lhe soffrimento:
E porquê, que mal fez, mulher espavorida,
Essa creança rôxa, inda sem pensamento,
Que vaes arremessar á agrura d'esta vida!

Nascer, é o maior mal: nossa alma esfomeada
Busca um sustento, a dôr; da propria dôr me nutro.
Se não ha de, afinal, ser negra e entrevada,
Uma alma que brotou da escuridão d'um utero!

Tendo um filho a nascer, tu julgas que consagras
Toda a devassidão da tua alcova escura:
É um crime agarrar uma alma nas mãos magras
E despenhal-a, a rir, no fundo da amargura!

Se um dia perguntar teu filho que direito
Tinham de arremessal-o á vida sem conforto,
Em vez de lhe brotar a maldição do peito,
Mais valêra, mulher, que elle nascesse morto!

Purificar no filho o amor, a suar, de dorso
N'um leito conjugal de desvairados brilhos,
É cobril-o de negro, enchel-o de remorso, —
Que puro, é só o amor de que não haja filhos!

Virgindade

Ó gothica belleza illuminada e viva!
Sê esquiva para mim; quero-te sempre esquiva!
No amor, a dôr é tanta e a volupia tão pouca!
Foge das minhas mãos, foge da minha bocca!
Ser honesta é vestir uma roupa d'estrellas:
Ha flôres no teu peito; has de ter conta n'ellas.
Nunca me ouças de perto as ancias e os segredos:
Quebram flôres de vidro os meus impuros dedos,
Rasga sedas, no escuro, o meu brutal namoro...
É tão facil quebrar uma cintura d'ouro!
Magoando-te a carne, em ancias de mordel-a,
Serei sempre um leproso a babar uma estrella,
Um sapo que pollue, arrebentando em pragas,
A santa que o buscou para sarar-lhe as chagas.

Não consintas que eu vá, n'uma virtude falsa,
Beijar a prata pura em que o teu pé se calça.
Sê casta como a luz e como o gelo honesta :
Quebrada a virgindade, é cinza o que te resta.
Ha lirios d'oiro em ti ; guarda-os, porque são teus.
Devemos remediar a imperfeição de Deus.
Como hei de eu violar-te o seio delicado,
Se Deus, que fez o amor, fez d'esse amor peccado?
Eu bem sei que tu foste, ó pura entre as mais puras!
Nascida do impudor de duas creaturas.
Bem sei que ha no teu sangue uma reliquia ainda
Da eterna perversão, eternamente linda!
Rasga-se, no interior d'essa orbita de cera,
A fugitiva luz dos teus cios de féra...
Mas não! É tanta a dôr e a volupia tão pouca!
Foge das minhas mãos, foge da minha bocca!
Sê esquiva para mim ; quero-te sempre esquiva,
Ó gothica belleza illuminada e viva!

Christo

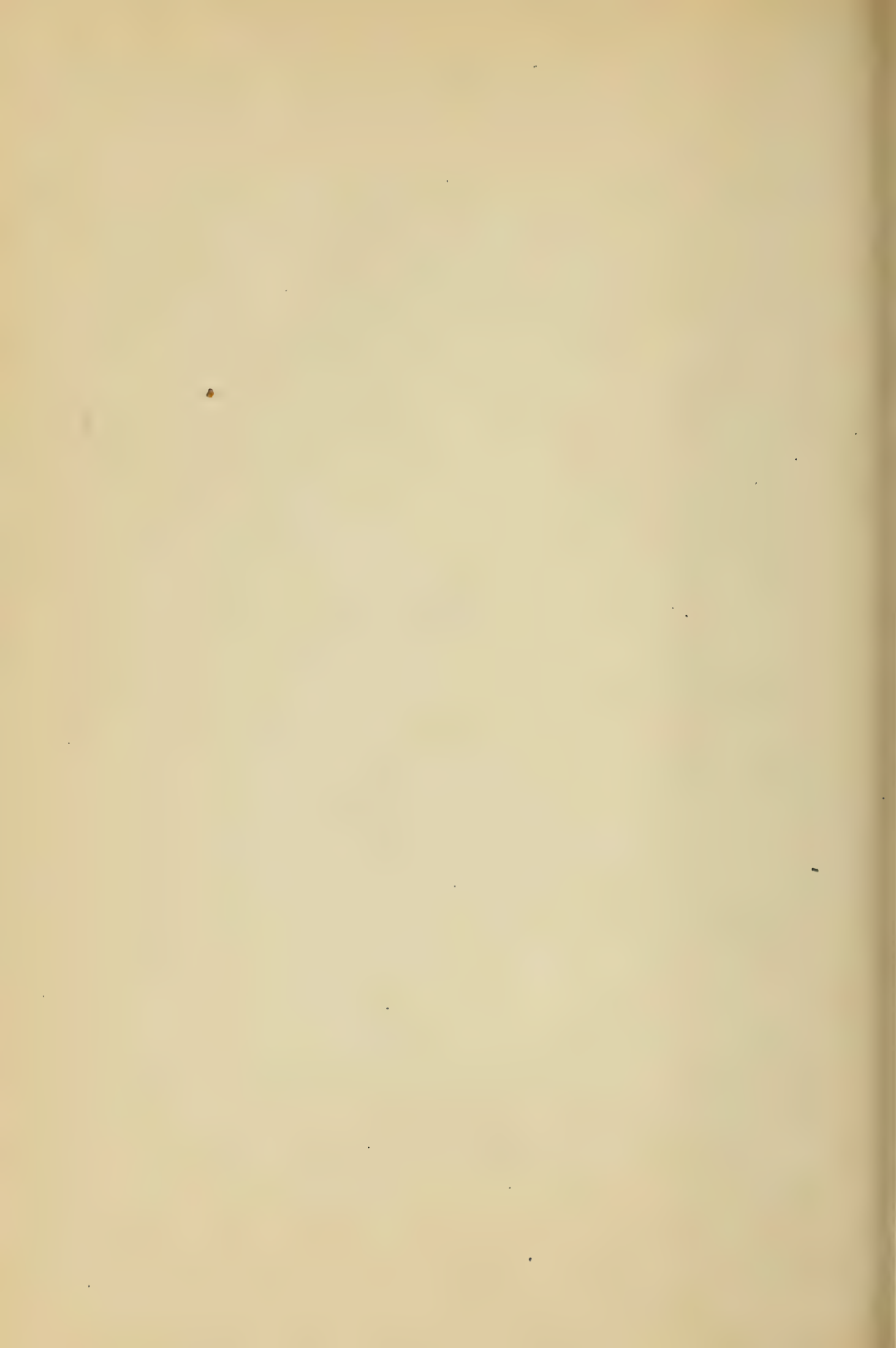
Dentro da velha Sé historica e insalubre,
Entre talha doirada e painéis quasi humanos,
Um Christo d'hospital, degenerado e impubere,
Pende na sua cruz ha quatrocentos annos.

Põe-lhe o sol manchas d'ouro em cada secco iliaco ;
Uma escróphula rasga a sua pelle escura :
O plagiario de Hillel, macilento e maniaco,
Encontrou, afinal, uma caricatura !

Talhado em cedro, olhae, por débeis mãos d'um homem,
Esse magro Jesus de musculos indomitos,
Na rude contracção dos rectos do abdomen
Dá-me a idéa brutal d'um ruivo Christo aos vomitos!

Antes só

Andamos pelo mundo em busca d'affeições,
Sem cuidar que ao depois, se uma affeição deserta,
Nos estalam de dôr os nossos corações
Sobre a terra mortal d'alguma cova aberta.

Antes não ter no mundo a sombra d'um apego,
Levar sem um arrimo a vida mal vivida,
Que andar no desconforto e no desasocego,
Com medo de perder uma alma estremecida.

De negro

«Je m'abille de couleur noir
Signe des douleurs que je sens».
RONSARD.

Como Ronsard, poeta estranho,
Eu, que imital-o procuro,
Visto-me sempre de escuro,
Da côr das maguas que tenho.

Já muito se murmurou
Da minha predilecção;
Mas é que eu sou como sou
E não sou como elles são.

Ah! Este mundo parece
Que vae a tocar o fim:
Houve até quem suppozesse
Que deitei lucto por mim!

Muita gente me aconselha,
Gente de cabeça fraca,
A que do arco da velha
Faça uma sobrecasaca.

Estranhou-se — ó raça extincta!
Preoccupações ingratas! —
Que eu usasse umas gravatas
Mil oitocentos e trinta.

O cabido dos cretinos,
Em pinceladas correctas,
Faz agora os figurinos
Por onde vestem os poetas!

O Bem

Muda-se em volta a mim a natureza :
Agora, estéril monte, rocha dura ;
Logo, esmalte gramineo, alta espessura,
Subindo no ar doirado, aos troncos presa.

Corro terras e terras, na aspereza
Differentes, diversas na brandura ;
E sempre esta vivissima amargura,
Este enfado mortal e esta tristeza !

Ah, por mais terras áridas que eu ande,
Charnecas e tojaes, que andar pudesse,
Corre bem mais do que eu, o cégo Bem!

Cégo, e lá vae por essa estrada grande...
Tanta gente que o tem e o não merece,
E tanta que o merece e que o não tem!

No mercado de peixe

O mercado de peixe é mesmo ali á beira
Das muralhas do cáes: bem perto. De maneira
Que me fui até lá, á falta de melhor.
Um céu surprehendente e um sol abrasador.
Sobre as bancas de pedra, esparsos ao acaso,
Na sombra colossal do velho alpendre raso,
Vejo os chocos de prata e vejo os ruivos d'ouro,
Carcanholas a abrir nos cestos esverdeados,
E o pescador, afeito ao sol, sadio e louro,
Mettendo pelo peixe os braços remangados.
Um alarido enorme em volta aos peixes grossos;
E estendendo na sombra os rusticos pescoços,
Os compradores vêm, a arregalar os olhos:
Argentea, sobre a pedra, hirta, a sardinha, aos molhos ;

Os froixos langueirões ; percêbes cabelludos,
Adonde o pescador volve os dedos ossudos,
Ameijoas a ranger, vindas ali do lôdo,
De concha esverdeada, enchendo um cabaz todo ;
Eirós a collear, magras, estertoradas,
Metallicas, bulindo em celhas almagradas, —
Tudo isto d'aqui chama os estomagos lassos
D'esta cidade vil de cloques e madraços.
O Damião, coçando a espadua pelo muro,
Entra-se a lastimar de que anda mal seguro
O negocio: o melhor, em coisa que mais deixe,
É a sardinha : o mais, ruim safra de peixe
Que não n'o bota cá uma pessoa inteiro
Senão com muita estafa e a peso de dinheiro !
O pescador aqui faz-se valer ; mais quer
Distribuir de graça, o dianho, que vender
Barato. E o Damião, em pragas, diab'alma !
Saccóde o ferragoulo enorme que o enxalma.

O meu S. Braz

Aquelle que ali vês foi bispo e martyr. Deu
Á terra toda a luz que recebeu no céu.
Passou, perdido o olhar n'uma esperança calma,
De medico do corpo a medico da alma.
Curvado á mão divina, a mão que nos affaga,
Confortou muita dôr e sarou muita chaga.
Foi amigo e irmão dos humildes. Viveu
Curando o bem alheio e descurando o seu.
As suas ambições — que mal chegou a telas —
Eram só entender os tristes e as estrellas.
Entendia-os tão bem, tão bem comprehendeu
Os miseros da terra e as estrellas do céu,
Que a seus pés logrou vêr, ao acabar da vida,
O céu agradecido e a terra agradecida.

Ás riquezas mortaes de que o mundo nos veste,
Preferiu a rudeza, a rocha dura e agreste,
E sendo bispo e grande, elle — piedade eterna! —
Recolheu como féra á humida caverna,
Deixou o pallium d'oiro e o báculo precioso,
Vestiu-se de burel, e assim como um leproso
Que a escuridão protege e uma caverna abriga,
Prégou o Amor e o Bem á rude gente antiga,
E chorando, ensinou a toda a humanidade
Que sem bondade e amor não ha felicidade.
Muito o santo viveu. Mas chegou certo dia
Em que um rei quiz ouvir o que o santo dizia;
E ao ouvir-lhe falar nas chagas de Jesus,
Viu uma luz tão clara, uma tão grande luz,
Que, temendo a cegueira e tomado de espanto,
Mandou-o assassinar, — para o fazer mais santo.
— Era Braz o seu nome e grandes obras fez.
Foi martyr e foi bispo aquelle que ali vês.

Vida simples

A José d'Abreu.

Ter um canto de terra ou cortinhal ;
Por minhas mãos lavrar a terra dura ;
Beber um leite bom, uma agua pura ;
Vestir de burel rude ou de saial ;

Ter um rebanho alfeiro, que outro egual
Não tivesse o povoado ou a espessura ;
Procurar entre pedras a ventura
Que não me poude dar nenhum mortal ;

Viver livre de enganos, socegado,
Vendo os olhos piedosos dos cordeiros,
Que mais falam á alma que os da gente :

Quem um dia pudera, assim mudado,
Ir arrastando os dias derradeiros
D'esta vida mortal e descontente !

RUIVA

A José Antonio Serrano.

I

Cinge á cabeça ruiva o estranho garavim,
Dá-me as ossudas mãos e vamos conversar:
(Tu, d'apertares tanto o sayo de setim,
Já deves ter os rins fóra do seu logar...)

II

Cada olhar que me vê, vê-me á sua maneira ;
Alheio ao proprio ser, vivo em cada alma escura :
Não sou mais, dentro em ti, que uma caricatura
Do que realmente sou na vida verdadeira.

Se ao abrir a tua alma, ó flôr do meu peccado,
Podesse vêr lá dentro a minha imagem fria,
D'encontrar-me tão outro e tão desfigurado,
Olhava para mim e não me conhecia !

III

Olho serenamente o instante derradeiro ;
Mas tremo quando penso, ó ruiva espavorida !
Que has de fugir de mim, por causa do meu cheiro,
Tu, que eras incapaz de me deixar em vida !

IV

Por mal, eu amo : cumpro este destino agreste
Que me arrasta, mordido, e rôxo, e ensanguentado,
A beijar o lancil rugoso onde pozeste
N'uma graça de vôo o cothurno doirado.

Metade do meu ser, — que por meu mal roubaste-m'a —,
Lá vae, na aza do amor, na livida canceira,
Emquanto, dentro em mim, sem conhecer a lastima,
A outra metade ri do engano da primeira.

Que se erga d'esse leito a taupla de brocado :
Vê tu, lascivia minha, o corpo que procuras !
Seu calor não é mais que sangue envenenado,
Suas fórmas de estatua um doirar de gorduras !

Ruiva ! Não é amor a lascivia dos tambos :
Nos craneos de nós dois houvera amor commum,
Se um dia alguem podesse esmigalhal-os ambos,
Mulher que és minha angustia, — e confundil-os n'um !

V

Só Wagner se dá bem com os teus nervos bruscos;
E é curioso notar : não te desfeia o chôro.
As tuas longas mãos são languidos molluscos,
Sangrentos de rubis e carregados d'ouro.

Em tu morrendo, amor, -- sobre a minha cadeira
Em couro d'Arkangél, patriarchalmente grave,
Gostava de estudar, beijando-te a caveira,
As theorias de Gall sobre o teu craneo d'ave.

VI

Tudo nos mente, ruiva : a sombra, os olhos nossos,
Porque é força que em nós toda a mentira encarne :
Mente-me a tua bocca e mentem-me os teus ossos,
Vestidos como são d'essa adoravel carne !

Mentes-me sem querer, nos risos e no chôro,
No mal que a vida traz, no bem que o vento leva :
Se até a lua, amor, foi a mascara d'ouro
Que um engano, a tremer, dependurou na tréva !

O mesmo Deus, creando as pedras preciosas
Que ensanguentam, tremendo, as tuas mãos descalças,
Curvou depois a fronte ás cousas enganosas,
E ensinou-nos, mulher, a fabrical-as falsas!

Por engano nasci e vivo por engano;
Minhas agruras busco, em lagrimas por ellas:
E se nos mente o céu, tu, pobre barro humano,
Veste-te de mentira e touca-te de estrellas!

VII

> L'odeur de certaines femmes, qu'un médecin de Paris comparait à celle des singes...
>
> MOREAU (DE LA SARTHE)

O cheiro da mulher devia ter-nos feito
Tal repugnancia em nós, tão fóra dos costumes,
Que para não morrer o amor em cada leito,
Foi preciso inventar os oleos e os perfumes.

O teu perfume é dôce e eu fico-me a sorvel-o;
Em pratos d'oiro, o nardo e a myrrha se consomem:
Tudo o que ha na mulher de immensamente bello
Nunca passou, amor, d'uma invenção do homem!

VIII

Entre os vicios que tem o animalsinho airoso
A quem dei todo o amor que no meu ser cabia,
Ha um mais doentio, ha um mais precioso,
Ha um mais decadente, — a morphinomania.

Na divinisação do vicio em que se perde,
Tem delirios de côr esse demonio loiro :
O estojo de hypodérmia é de damasco verde
E todas as pravás têm uma agulha d'oiro.

Dou-lhe eu mesmo a injecção na perna esbelta e fina,
Entre a meia de seda e a saia de setim ;
Mas é diverso em nós o effeito da morphina :
Produz-lhe a calma a ella e a excitação a mim.

IX

Não posso bem dizer ha quantos dias busco
A intimidade ruiva, a intimidade fina
D'aquella creatura esguia e bysantina
Que tem costella d'oiro e graças de mollusco.

Chloro-brightica, molle, um monstro de indolencia,
Diz coisas por acaso e pensa por engano ;
Veste sempre de verde e tem, por consequencia,
O detestavel ar d'um vegetal humano.

Tem furias muita vez, contorce-se, estrebucha,
E essa linda cabeça, em convulsões de chôro,
Pede o recorte negro em que o divino Mucha
Contorna as explosões d'uma cabeça d'ouro.

É architectural, — architectura doente,
E tem, no gesto em curva e no vestir complexo,
Uma comprehensão da graça decadente
Que a torna superior aos animaes do sexo.

Ha pouco me contou um velho que a visita
E assiste muita vez aos seus almoços largos,
Que essa desesperada herbivora exquisita
Adóra a couve flôr e os languidos espargos...

Mas na sua pessoa, entre outras differentes,
Ha uma imperfeição devéras ordinaria :
Dentro da bocca em flôr, sobre os pequenos dentes,
Tem plácasinhas d'oiro a encobrir-lhe a caria.

Arrasta as perversões banaes de sentimento
D'um systema nervoso enormemente insano;
E na aguda expressão dos beiços e do mento,
Lembra a «Mulher que ri», do nosso Columbano...

ULTIMAS LIRICAS

A Luiz Osorio.

Coração

A Nuno de Bulhão Pato.

Meu pobre coração despedaçado,
Olha teus passos, dize-me quem és,
N'este valle de lagrimas profundo?
— Um desgraçado
Aos pontapés
Por este mundo!

Porque trazes meus olhos razos d'agua,
Coração sem arrimo e sem amor,
Na lastima d'um bem que é já perdido?
— Chóro de magua,
Chóro de dôr
Por ter nascido.

Tão cançado do mal, tão sem ninguem,
Que bem espéras na existencia escassa,
Coração fatigado de soffrer?
　　— O eterno bem,
　　A eterna graça:
　　Apodrecer.

Voltas

I

Isto nem vida parece,
Que nenhuma cousa tive
De que a dôr me não viesse:
Como o viver aborrece
A quem na desgraça vive!

De tanta magua que vi,
Se me enchem os olhos d'agua
Só a cuidar que as soffri:
Fez-se a magua para mi,
Ou eu me fiz para a magua.

Não pode haver esperança
De vêr a dôr acabada ;
Que o mal, por ter segurança,
Faz-nos soffrer da lembrança
D'uma amargura passada.

Males como os que soffri,
De medo de os já não ter,
Retomo os que padeci :
Ah, pelo que vejo em mi,
Nós gostamos de soffrer !

II

De tão farto de chorar,
Já não me lembro do que era,
Nem já me posso lembrar:
Ah, de que serve esperar,
Quem nunca tem o que espera!

Não tenho nada que ter,
Que n'esta vida d'abrolhos,
Viver a gente, é morrer:
Ah, para nunca vos vêr,
De que me serve ter olhos?

De vos não vêr, vou morrendo ;
Morro-me agora, captivo,
Todas as mortes soffrendo :
Porque eu só vivo em vos vendo,
E em vos não vendo, não vivo.

Endechas

Feliz de quem tem
Saudades d'um bem.

Não as posso ter,
Que a saudade vem
De perder um bem,
Não d'um mal perder;
Se tudo é soffrer,
Quem saudades tem
Se não teve um bem?

Tel-as cada dia
Tinha por vontade,
Porque a saúdade
Faz-nos companhia :
Mas como a teria,
Se do bem nos vem
E eu nem tive um bem !

Na vida mortal,
Se tudo é soffrer,
Só poderei ter
Saudades do mal :
Ah, triste afinal
Quem não tem ninguem,
Nem saudades tem !

Dôr fecunda

Quem não sabe o que são dôres
Ou não se cançou de tel-as,
E anda coroado de flôres
        E de estrellas ;

Quem, por feliz, não entende,
Quando lh'o venham dizer,
Que é soffrendo que se apprende
        A viver :

Ah, não te dava como eu
Um amor como este amor,
Lirio d'ouro que nasceu
Sobre a dor ;

Amor sagrado e sereno
Onde ha todos os amores, —
Porque a dôr é um terreno
Dos melhores...

Ressurreição

Já quando as azas puras
Bateste no ar doirado
E desceste do seio das estrellas,
Tinham-me as desventuras
De tal modo cançado,
Que já não tinha modo de soffrel-as.

Tocaste o chão agreste,
E já não soffri mais,
E a dôr que me perdeu, vi-a perdida :
Não sei d'onde vieste,
Não sei para onde vaes,
E levas na aza d'oiro a minha vida.

Talvez do céu, amor,
Desceste á terra dura
Para me vir mostrar que tudo passa
Como é consolador
Lembrar, já na ventura,
As lagrimas choradas na desgraça!

Vi-te; alegrou-se o ar:
E tu, alma querida,
Por dar luz a uns olhos que te adoram,
Vieste-me ensinar
Que devo ser na vida,
Porque chorei, conforto dos que choram.

Abrace a sua dôr
Quem algum dia a tenha,
Porque tem n'essa dôr o ensinamento:
Para se dar valor
Ao bem, quando elle venha,
É bom ter conhecido o soffrimento.

Amem do peito alguem,
Que sendo o amor perdido
Já tudo o mais é sol de pouca dura :
Eu hoje sinto bem
Que, mais que em ser querido,
Está em bem querer toda a ventura.

E nunca desesperem ;
Tem cura todo o mal
Menos o mal da morte, que não passa :
Aquelles que soffrerem,
Se o mal não fôr mortal,
Vão-se purificando na desgraça.

Tratem os pobres bem
E os tristes com piedade ;
Deus creou as estrellas e os abrolhos :
Que é para que tambem
Alguem, por caridade,
Sobre o leito mortal lhes feche os olhos.

E tu, alma celeste,
Que por tão brando geito
Das estrellas á terra te partiste,
— Sobe da terra agreste,
Guarda-me no teu peito,
Sustem, nos dedos d'oiro, esta alma triste!

CADAVERES

Os dois

Se n'algum sitio vir, sobre o leito grosseiro,
Aqui um morto nú, outro vestido ao fundo,
Passo serenamente ao lado do primeiro
E empallideço e esfrio á vista do segundo.

De vêr o ventre d'um como um pandeiro verde,
E o sol zebrando d'oiro uma nudez de guano,
Todo o pavor se vae, toda a impressão se perde,
E o cadaver — dir-se-ha — deixa de ser humano.

Mas vendo o outro vestido, e negro, e inteiriçado,
Estremeço de horror e gelo-me de espanto :
São então o burel, a tunica, o brocado,
Que postos sobre um morto impressionam tanto ?

Dansa macabra

A Columbano.

Trazemos velhos brocados
E oleos de macassar
Nos craneos esverdeados :
Vede os sapatos bordados
Que nos mandaram bordar !

As nossas unhas cresceram
Nas solas podres de couro ;
E, de crescidas, romperam
Os roxos sapatos que eram
Bordados de fio d'ouro.

Trazemos aberto ao ar
O ventre verde e profundo ;
Entra-lhe vento e luar...
Ah, deixae-nos semear
A saudade pelo mundo!

Vinde a nós, ó virgens, d'entre
As nossas filhas em chôro!
Porque o vento nos não entre,
Vinde coser-nos o ventre
Com vossas agulhas d'ouro!

Que nossos ventres ligeiros,
Mal tensos pelas costellas,
São rebentados pandeiros,
Alcancareiros,
Assoalhados de estrellas!

Cresceram nossos cabellos,
E a crespina de escarlata
Mal chega para sustel-os :
Vinde alizal-os, correl-os,
Com vossos pentes de prata!

Ossos que tão outros foram
Nos tempos em que viviam!
Se nos vissem d'onde moram,
Os que hoje ainda nos choram
Já não nos conheceriam!

Mulheres de hirtos pescoços,
Ó corpos lindos de vêr,
Volvei-nos os olhos vossos!
Foi debaixo d'estes ossos
Que vós achastes prazer!

Corpos de pelle ambreada,
Não nos basta vosso chôro
Para lavar-nos a ossada!
Trazei agua perfumada,
Trazei-a em barnegal d'ouro!

Nosso esqueleto, a tremer,
Tem vergonha do que foi
Antes da terra o morder:
Não temais d'apodrecer,
Porque a podridão não dóe!

Vossa mascara torcida
É toda nojo por nós!
Humanidade perdida,
A podridão é a vida,
Quem apodrece sois vós!

Os desconhecidos

A Manoel Penteado.

Dois cadaveres — vêde — aguardam o meu córte :
Um homem gigantesco e uma mulher perdida.
Dormem nús, sobre a pedra, unidos pela morte,
E talvez, sem se vêr, passaram pela vida.

Elle, o morto, na secca e descarnada espalda
Tem nomes de mulher e varias tatuagens ;
Treme de nojo o sol na sua pelle jalda
E abrem-lhe a bocca verde uns esgares selvagens.

De thorax d'esmeralda, aza tecida d'ouro,
Uma nervosa mosca, em passos indolentes,
Para entrar-lhe na bocca aflora o buço louro
E começa a descer pela escada dos dentes.

Morto ha dias, olhae que a rigidez se perde
E que o seu corpo está gelatinoso e elastico :
Suas costellas são como um téclado verde,
Digno das longas mãos d'um pianista fantastico !

Ella morreu de parto : entre as airosas côxas
Que doira como um fructo uma lanugem pouca,
Um feto mostra ao sol as suas carnes rôxas,
Engurunhido, a rir, sem olhos e sem bocca.

Tem rugas sobre o ventre e lembra, cada ruga,
As que a pedra ao cahir traça nos verdes pantanos :
Os seus cabellos são d'um ruivo tartaruga,
O seu rictus perturba e o seu olhar espanta-nos.

Bate-lhe em cheio o sol, como um losango d'ouro;
Tem no seio listrões de sangue que seccou :
E pelo flanco enorme e pelo pubis louro
Lembra os ventres brutaes que Van Miéris pintou.

Dir-se-hia que o morto a olha, — reparae,
E lhe espreita e deseja as carnes violadas :
D'ahi, quem sabe lá se elle seria o pae
D'aquelle feto rôxo a rir ás gargalhadas !

Podre

A João Galhardo.

E dizer — ó reliquias nauseabundas! —
Que houve uns olhos mais claros do que o dia
N'estas orbitas negras e profundas!

Como sem piedade a terra fria
Póde em ossos tornar o corpo d'ouro
Que ao nosso corpo trémulo se unia!

Aonde estaes, cabello ondado e louro,
Que foi feito de vós, olhos piedosos
Que vivieis chorando de meu chôro?

Miseraveis encantos enganosos!
Quem sabe se a sonhar, á noute escura
Subirieis em astros radiosos!

Na tréva a minha sombra vos procura,
A estortegar as mãos e a remordel-as,
Cheia de espanto e cheia de amargura!

Mas para vós vos transformardes n'ellas,
Ó minhas graças mortas e perdidas,
Eram as rosas pouco e pouco estrellas!

As mãos da podridão, endurecidas,
Esbrugaram a ossada que ahi dorme
E esmagaram as nossas duas vidas!

Procuro-te, a tremer, no céu enorme:
Nada me diz de ti a escuridão!
É força pois, amor, que eu me conforme

Com a idéa da tua podridão!

SONETOS D'AMOR

A meu pae e mestre.

C.

Ninguem me dá alegrias ;
Não nas posso dar tambem :
Ninguem dá o que não tem.

CASIMIRO DANTAS.

I

Deitado á sombra livida d'um freixo,
Sombra que o sol a ouro vae bordando,
Oiço em cada ramada o vento brando
E as lastimas da agua em cada seixo.

D'amarguras me aparto, maguas deixo,
E vae meu mal estar sempre augmentando :
Que de não ter já dôr de que ir chorando,
Agora é de enfadado que me queixo.

Passa um dia cinzento ; um outro passa ;
Corre ligeiro o tempo da desgraça,
E sem o soffrimento mais nos dura :

Tédio, se o mal fugiu ; dôr, se persiste ;
E assim se vae gastando a vida triste
Entre o aborrecimento e a amargura.

II

O que fiz eu de mim? que má ventura
Assim me fez tão mal aventurado,
Que n'este grande amor, n'este cuidado,
Fui achar tal extremo d'amargura?

Se me é mais differente o amor da agrura,
Que o rustico burel é do brocado,
Porque ando sempre em lagrimas banhado,
Só pertencendo o chôro á desventura?

Tanto em mim pode a força do tormento,
Que a todos dando amor contentamento,
Em me chegando a mim, vem feito magua:

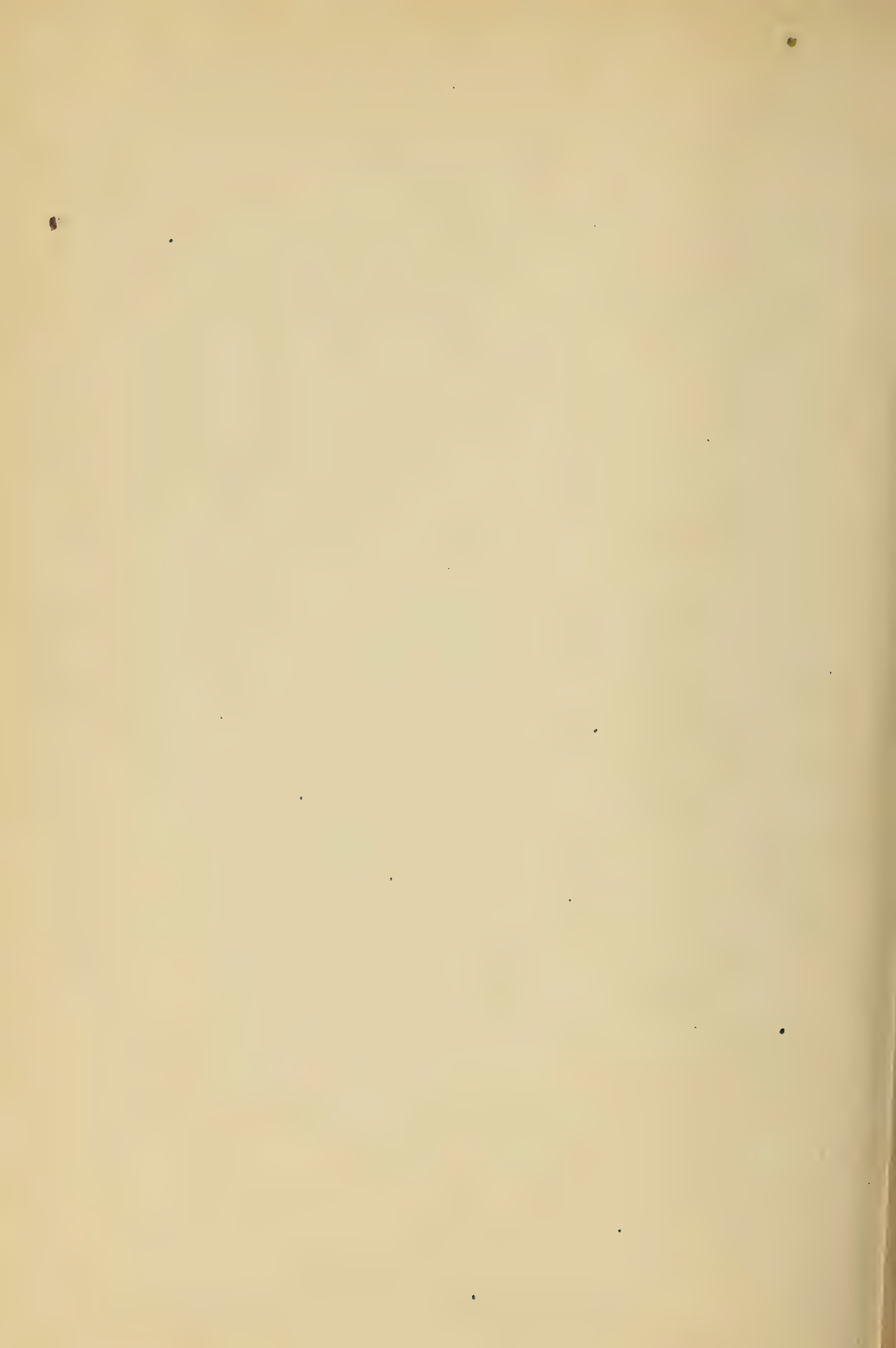
Mas porque estranho modo, ó meus cuidados,
Assim me vem aos olhos desgraçados
O fogo d'este amor mudado em agua?

III

Os pensamentos meus, se mal os sigo
Dentro d'este meu espirito agitado,
Vejo-me de meu ser tão apartado
Que nem é minha a dôr que anda commigo.

Se agora, corpo d'oiro e meu abrigo,
Me perguntam porque ando amargurado,
Eu só digo as razões de teu cuidado,
Que se fallo de mim, não sei que digo.

Busco-me e não me encontro, de perdido,
Como o pastor que desconhece a aldraba
Da sua rude barga que procura :

E agora, o meu viver, assim vivido,
É este bem querer que não acaba,
É este mal estar que sempre dura.

IV

O teu affecto é uma flor mortal,
O teu sorriso só de mim te vem :
Tens, por tua desgraça, o maior bem
N'esta vida em que eu tenho todo o mal.

Ah, dá-me as tuas mãos ! sobre o bancal
De téla d'ouro, assenta-te : ninguem
Sentirá nossas almas onde tem
Amor ateado um fogo tão egual.

Sou tudo para ti : piedoso engano
Aonde os teus sentidos se demoram
Cuidando vêr um bem que nunca vem :

Vive assim, que o maior amor humano
É o de duas almas que se adoram
Quando ainda se não conhecem bem.

V

Doce enferma que és todo o meu cuidado!
Corpo branco que foste tão perfeito!
Vejo agora a magreza do teu peito
Entre as dobras do linho delicado:

Convulso, tumultuoso, perfumado,
O teu cabello candido e desfeito
Cae sobre as almofadas do teu leito,
Como um immenso vegetal doirado:

De ainda te cuidar mais abatida,
Levou-me esta affeição a taes extremos,
Que em mim trago o maior abatimento:

É que em soffrendo alguem que é nossa vida,
Esquecidos de nós, bem mais soffremos
Do que esse alguem no proprio soffrimento.

VI

De sentir que não posso merecer-te,
Sombra d'ouro, que sigo e que me segues,
Por mais que me confortes e assocegues,
A mais me vae o medo de perder-te :

Meus olhos, onde em agua se converte
A dôr de que tão pouco a mim te achegues,
Entro de arreceiar porque m'os cegues
Nas horas em que estou morto por vêr-te.

Todo eu tremo de mim, ó meus alentos,
E cuido, mal me aparto da amargura,
Que me veem matar contentamentos.

Em mim, o bem é sol de pouca dura :
De menos me arreceio nos tormentos,
Do que ando arreceiado na ventura.

VII

Duas almas que tarde se encontraram,
Como as nossas, meu bem, e tantas mais,
Porque modo se tornam tão eguaes
Se em tão diversos meios se crearam?

Umas, em berço d'ouro as embalaram;
Ás outras a herva fez berços ruraes;
E sendo de principio deseguaes,
Depois tão semelhantes se tornaram:

Ha bem pouco prendemos nossas vidas,
Já cuidas de meu bem como teu bem,
Já de meu mal d'agora vaes soffrendo:

E as nossas almas são tão parecidas,
Como essas duas lagrimas que vêm
Por tuas faces d'ambar escorrendo.

VIII

Que desgraça ha em mim, por esta agreste
Montanha da existencia malfadada,
Que toda a alma que me era affeiçoada
Tem fugido de mim como da peste?

Tu, espirito d'ouro, porque vieste
Trazer o bem a esta alma desgraçada,
Se era força que um dia, amargurada,
Levasses todo o bem que me trouxeste?

Alma cheia de maguas, padecendo,
Leva-te a desventura que me abraça
Desde que vejo sol e ao mundo vim:

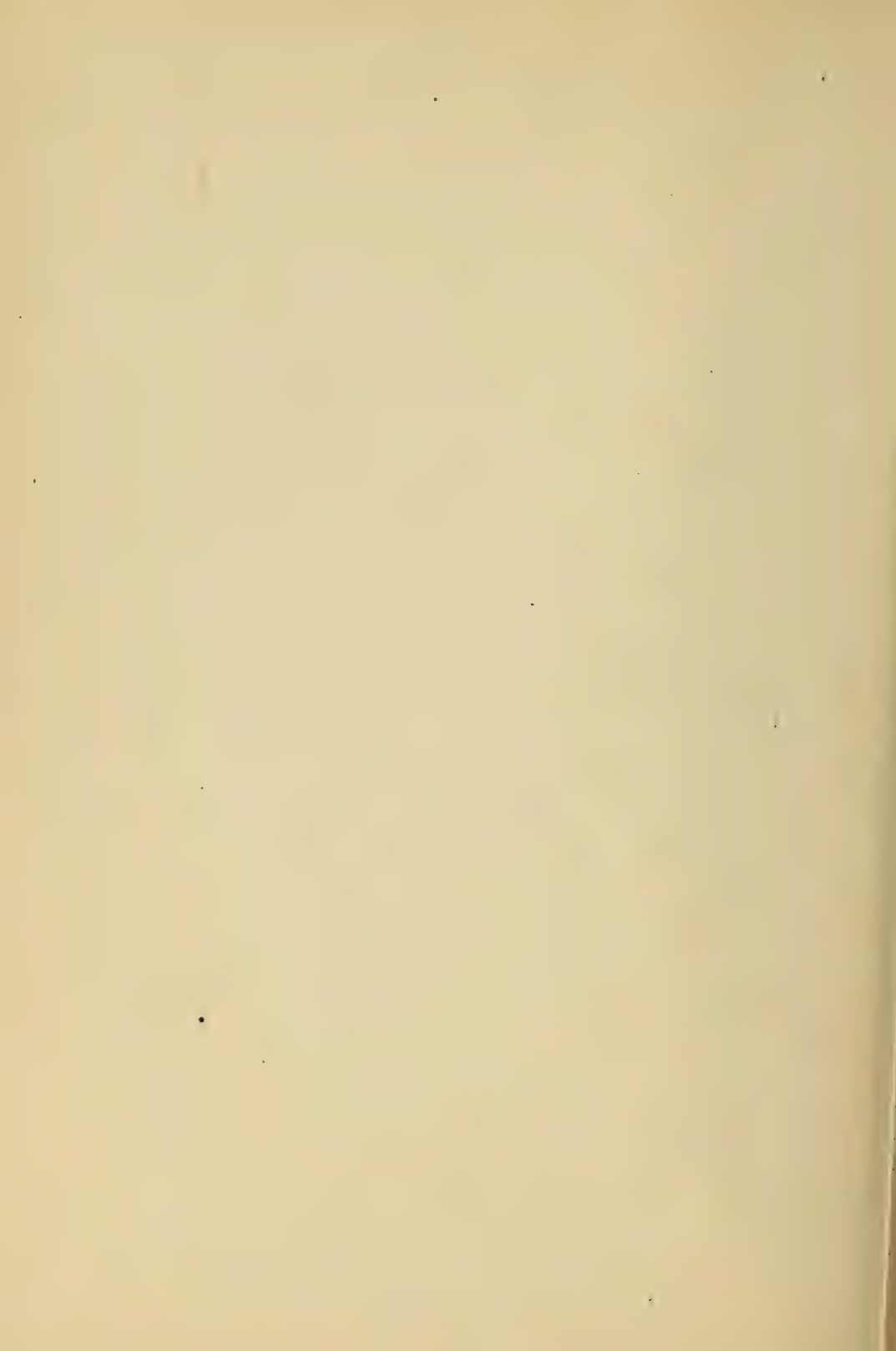
Ah, minha filha, agora comprehendo
Que pésa a sombra escura da desgraça
Em tudo o que se chega para mim!

IX

Amarguras, paixões, desesperança,
Quando o cançado bem nos não sustenha,
É força, mal de nós, que alguma venha,
Porque o nosso sentido não descança.

Não nos importa a agrura da mudança;
Que ás vezes, porque um mal nos entretenha,
Tomamos como propria a dôr estranha,
Quando uma dôr em nós se não alcança.

Se por desgraça quiz a má ventura
Que n'esta vida o bem não conhecesse,
Seja-me a dôr o pão do pensamento.

Ó vida de tamanha desventura,
Que por que um passatempo me viesse
Fui pedil-o emprestado ao soffrimento!

X

Mas como pode ser tão miseravel
Esta vida perdida, se vieste
Das estrellas descendo á terra agreste,
Com brando gesto ledo e amoravel?

Quanto havia de são e de invejavel
N'esse espirito d'ouro que trouxeste,
Que no lodo da terra o não perdeste
N'esta lucta mortal e formidavel!

Atravessas a lama e a perdição;
Passas os charcos onde vive o mal,
E tornas logo, pura e cristalina:

D'aqui se vê que differentes são
A minha natureza, que é mortal,
E a tua natureza, que é divina!

XI

D'esse pequeno craneo de creança
Que ali repousa sobre um velho toro,
Quanta magua nasceu e quanto choro,
Quanto riso floriu e quanta esp'rança!

Em volta d'elle, cariciosa, dança
A luz do sol n'uma poeira d'ouro:
Onde havia um cabello ondeado e louro,
Ha hoje umas membranas por mudança.

Quando vejo este craneo, um mal profundo
Me nasce, meu amor, e a angustia vem:
Quem sabe o que ámanhã do céu nos cae!

Talvez que um berço venha a este mundo,
Onde haja uns labios que te chamem mãe,
Uns olhos verdes que me chamem pae...

XII

Onde tu passas, o ar se doura! Os montes,
De vêr-te os olhos verdes, reverdecem;
E as puras aguas cristalinas descem,
Só para vêr-te, das musgosas fontes.

O mesmo ar te namora! Os horisontes
Que na poeira do sol desapparecem,
Chamam por ti, de longe, e te offerecem
As azas d'ouro com que ao ir te aprompte s.

Namora-se de vêr-te a rocha agreste,
As estrellas, o ar, a terra dura,—
E só por meu amor do céu desceste:

Por mim, misero humano, lama escura,
Triste sombra mortal que tu quizeste
Prender nas tuas mãos de prata pura!

XIII

Luz dos meus olhos,—já mal quero crêr,
Porque esta vida triste o não consente,
Que possa vir um dia a ser contente
Quem anda tão cançado de soffrer.

Se o ser feliz está no bem querer,
Podia ser feliz inteiramente
Quem tanto bem te quer e tanto sente
A certeza de não te merecer.

Se póde acreditar n'uma esperança
Desgraçado que sempre a viu perdida,
Ainda um bem espero por mudança :

Depois de tanta agrura padecida,
Ha de cançar-se a dôr, que tudo cança,
Se acaso não cançar primeiro a vida.

FIM

INDICE

PALAVRAS AO VENTO

RUIVA

ULTIMAS LIRICAS

CADAVERES

SONETOS D'AMOR